

GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

ISSN 2177-3688

**NARRATIVAS DE AGENTES MEDIADORES DAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS DA BAHIA
SOBRE O FORTALECIMENTO IDENTITÁRIO DE PESSOAS NEGRAS**

***NARRATIVES OF MEDIATING AGENTS OF COMMUNITY LIBRARIES IN BAHIA ON THE
IDENTITY STRENGTHENING OF BLACK PEOPLE***

Ingrid Paixão de Jesus – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Raquel do Rosário Santos – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: A mediação da leitura quando realizada a partir de uma conduta ética, o respeito à diversidade cultural, em especial, neste texto, de pessoas negras, pode ser compreendida como um ato de resistência. Nessa conjuntura, o objetivo desta comunicação foi evidenciar as atividades de mediação da leitura desenvolvidas por bibliotecas comunitárias no Estado da Bahia para o fortalecimento identitário de pessoas negras. Quanto à metodologia, trata-se de um estudo de caso múltiplo por considerar bibliotecas comunitárias que estão localizadas tanto nos municípios do interior do Estado da Bahia, quanto aquelas bibliotecas situadas na região metropolitana de Salvador. Para coletar os dados, adotou-se a técnica de aplicação de questionário e para realizar a análise e interpretação das respostas concedidas pelos(as) agentes mediadores(as), foi utilizado uma abordagem qualiquantitativa. A partir da trajetória investigativa, foi possível observar que apesar dos desafios enfrentados pelos(as) agentes mediadores(as) que, perpassam tanto a falta de investimento em bibliotecas comunitárias, quanto, a desconstrução de conceitos discriminatórios, constatou-se que esses sujeitos mediadores estão desenvolvendo atividades fundamentadas na cultura afro-brasileira, o que favorece o fortalecimento identitário de pessoas negras e contribui com a formação de uma sociedade antirracista.

Palavras-chave: biblioteca comunitárias; mediação da leitura; relação étnico-racial; leitura-pessoa negra.

Abstract: The mediation of reading when carried out based on an ethical conduct, respect for cultural diversity, especially, in this text, of black people, can be understood as an act of resistance. In this context, the objective of this communication was to highlight the reading mediation activities developed by community libraries in the State of Bahia for the strengthening of the identity of black people. As for the methodology, it is a multiple case study considering community libraries that are located both in municipalities in the interior of the State of Bahia, and those libraries located in the metropolitan region of Salvador. To collect the data, the questionnaire application technique was adopted and to carry out the analysis and interpretation of the answers given by the mediating agents, a qualitative and quantitative approach was used. From the investigative trajectory, it was possible to observe that despite the challenges faced by the mediating agents that permeate both the lack of investment in community libraries and the deconstruction of discriminatory concepts, it was found that these mediating subjects are developing activities based on the culture Afro-Brazilian culture, which favors the strengthening of the identity of black people and contributes to the formation of an anti-racist society.

Keywords: community library; reading mediation; ethnic-racial relationship; black person reading.

1 INTRODUÇÃO

Os aspectos culturais dos(as) leitores/leitoras que participam das atividades de mediação da leitura, além de serem considerados, precisam também ser evidenciados, fortalecendo uma leitura problematizadora que possa romper com o processo de silenciamento que mantiveram sujeitos e suas histórias de vida inaudíveis. Dessa maneira, o sentido de leitura se torna amplo e reconhece os diversos dispositivos informacionais advindos das manifestações culturais, incluindo os territórios de acesso e produção de saberes que, potencialmente, interferem nas nuances socioculturais e na vida dos sujeitos, por exemplo, as bibliotecas comunitárias.

Este estudo considerou especificamente as bibliotecas comunitárias do Estado da Bahia, cujo objetivo foi evidenciar atividades de mediação da leitura desenvolvidas por estas bibliotecas para o fortalecimento identitário de pessoas negras. Quanto à trajetória metodológica, esta pesquisa se caracteriza como um estudo de caso múltiplo, por considerar bibliotecas comunitárias que estão localizadas tanto nos municípios do interior do Estado da Bahia, quanto aquelas situadas na região metropolitana de Salvador. Para coletar os dados, adotou-se a técnica de aplicação de questionário junto aos(as) agentes mediadores(as) que atuam nas referidas bibliotecas comunitárias. Esses dados foram analisados a partir da abordagem quantitativa para mensuração das respostas objetivas, como também utilizou-se a abordagem qualitativa para interpretação das respostas discursivas concedidas pelos(as) agentes mediadores(as), analisadas à luz da literatura.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E EMPÍRICO

Para além da decodificação de signos, a leitura pode ser compreendida como um ato de atribuição e negociação de sentidos, em que os sujeitos manifestam o desejo de se comunicar e experimentar vivências e conhecimentos através das múltiplas linguagens. Para Rovilson Silva e Oswaldo Almeida Júnior (2018, p. 72) “[...] a leitura é um dos mais complexos e completos recursos sócio-históricos para a formação do indivíduo tanto intelectual quanto social; de modo que ele se aproprie do conhecimento e, ao mesmo tempo, torne-se produtor de conhecimento”. Baseado nessa concepção, é possível afirmar que a leitura favorece o acesso à informação que o conduz à apropriação e ao compartilhamento do conhecimento.

Como um direito de todos e todas, a leitura pode ser entendida como um elemento que imbrica os sentidos sociais, institucionais e culturais, podendo ser compartilhada por meio da linguagem ao favorecer o encontro com a expressão do outro, gerando sentidos e novos significados. Lígia Dumont (2020, p. 43) enuncia que “A apropriação do texto pelo leitor implica a produção de sentido, no qual se imprime a singularidade da leitura baseada na experiência individual de cada leitor. Leitura é construção de sentidos, de significados”. No encontro com o outro por meio da leitura, a partilha de experiências conduz à ressignificação de perspectiva de vida direcionando o sujeito a uma nova visão de mundo.

Nesta comunicação, a leitura é defendida como um ato social, que para alcançar a criticidade decorrente do acesso à informação que a torne problematizadora das relações sociais, deve-se entender a leitura e a informação como um direito que deve ser acessível. Contudo, observando a linha do tempo quanto a leitura de textos escritos, observa-se que esta era utilizada como um instrumento segregador e percebe-se que

Historicamente a leitura tem sido um instrumento de poder e de exclusão social: primeiro nas mãos da Igreja, que garantia para si, por meio do controle dos textos sagrados, o controle da palavra divina; em seguida, pelos governos aristocráticos e pelos poderes políticos e, atualmente, por interesses econômicos que dela tentam se beneficiar (CASTRILLÓN, 2011, p. 16).

Nesse sentido, o ato de ler possibilita que o sujeito reflita sobre sua condição de vida e proporciona a conscientização de sua atuação, compreendendo a realidade em que está inserido e suscitando o desejo de mudança nas esferas sociais, por isso, é considerado como um instrumento de poder. Quanto ao poder transformador da leitura, Paulo Freire (1987) defende a “libertação” por meio da ação e reflexão sobre o mundo em que o sujeito está inserido ao afirmar que “[...] a libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (Freire, 1987, p. 77). Assim, a leitura é uma prática social que, fundamenta o processo de busca por informações e contribui para a diminuição de desigualdades sociais e a emancipação dos sujeitos.

A mediação da leitura, quando realizada de maneira consciente, favorece a possibilidade do reconhecimento desse sujeito como um ser que pode provocar mudanças nas esferas sociais, transformando a sua vida e a do outro, ou seja, se tornando um protagonista. Edmir Perrotti (2017) refere que o protagonista é o sujeito que assume um lugar

de resistência e combate por uma construção do mundo, por meio de uma ação visando ao coletivo e ao solidário, e não, individualista e solitário. Assim, a mediação da leitura pode contribuir com o compartilhamento de diferentes perspectivas de mundo, resultando em mudanças individuais e coletivas.

Nesse sentido, o(a) mediador(a) da leitura, ao buscar uma visão holística, pode ampliar seu repertório cultural por meio de uma conduta ética e de uma visão crítica, conduzindo o(a) leitor(a) à compreensão de que o interesse individual não pode se sobrepor ao interesse coletivo. A escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2009), ao problematizar a necessidade de ouvir as diferentes visões de mundo e chamar a atenção de não se limitar para uma única versão da história, aponta a necessidade do exercício da crítica que combate os falsos estereótipos. Diante dessa consideração, a mediação da leitura quando realizada a partir de uma conduta ética, o respeito à diversidade cultural, pode ser compreendida como um ato de resistência.

Nessa perspectiva, Lídia Cavalcante (2021, p. 9) afirma que "A mediação da leitura pode ser compreendida como um exercício de alteridade, quando ela permite o diálogo entre as diferentes formas de pensamento ético". A partir desse entendimento, ao realizar a mediação da leitura, é preciso compreender que em uma mesma ação, existem diferentes leitores/leitoras com aspectos sociais e culturais diversos.

Ao considerar a diversidade presente na coletividade, o (a) mediador (a) da leitura revela a possibilidade de ampliação de seu repertório cultural, compreendendo-a "[...] não como entidade fechada e determinada por um ethos e uma cosmovisão tradicionalmente estáticos, mas como espaço transcultural de influências mútuas entre diversas culturas". (WALTER, 1999, p. 77). Portanto, os aspectos culturais dos(as) leitores/leitoras que participam das atividades de mediação da leitura, além de serem considerados, precisam também serem evidenciados, fortalecendo uma leitura problematizadora que possa romper com o processo de silenciamento que mantiveram sujeitos e suas histórias de vida inaudíveis. Assim, o sentido de leitura se torna amplo e reconhece os diversos dispositivos informacionais advindos das manifestações culturais.

Para evidenciar os aspectos culturais em atividades de mediação da leitura, o(a) mediador(a) deve observar as nuances culturais que conduziram a produção dos dispositivos informacionais, além de considerá-las como manifestações que também devem ser interpretadas, favorecendo a ampliação do repertório de saber dos(as) leitores(as). Entre tais

manifestações relacionadas à cultura, que são desenvolvidas pelo sujeito leitor e interferem em sua vida, pode-se citar: (a produção de) comidas típicas de uma determinada região; o sotaque das pessoas que compõe a sua comunidade; os rituais religiosos e as manifestações artísticas que mais predominam em determinado território. Os dispositivos informacionais advindos dessas práticas socioculturais, quando são evidenciados em atividades mediadoras, contribuem com enaltecimento dos traços identitários de um povo. Para Manuel Castells (2002), a identidade é um processo de construção e significado, que tem por base um conjunto de atributos culturais. Os dispositivos informacionais podem favorecer o acesso e o compartilhamento de saberes, representativos dos diversos contextos socioculturais, possibilitando a preservação e fortalecimento dos vestígios memorialísticos e identitários.

Entre os espaços que favorecem o acesso e a apropriação da informação, incentiva o gosto pela leitura por meio de atividades mediadoras e desperta o compartilhamento dos diferentes saberes e conhecimentos por meio da diversidade cultural, estão as bibliotecas. Inicialmente, as bibliotecas eram consideradas locais elitistas, em que apenas o “grupo dominante” acessava os seus conteúdos (MILANESI, 2002). Portanto, os grupos sub-representados socialmente não poderiam frequentar bibliotecas, especialmente a população negra, sendo esta colocada à margem da sociedade ou sub-representada de acordo com os marcadores sociais voltados à raça, classe e gênero.

A biblioteca não pode ser pensada separadamente da sociedade: ela é uma instituição social, portanto orientada por ideologias e formas de relacionamento. O Brasil é um país onde existe o preconceito e a discriminação étnico-racial, assim seria impossível que a biblioteca, enquanto instituição social inserida em tal sociedade ficasse privada das marcas do racismo (CARDOSO, 2015, p. 19).

As bibliotecas passaram a se tornar ambientes para além da preservação da informação, lugares de compartilhamento e produção do conhecimento. Maria das Graças Targino (1991, p. 155) defende que a “[...] informação é, portanto, direito de todos. É um bem comum, que pode e deve atuar como fator de integração, democratização, igualdade, cidadania, libertação, dignidade pessoal”. Possibilitar o acesso à informação, democratizando o conhecimento e promovendo a dignidade da pessoa humana, ainda é um desafio, por isso, a constituição de bibliotecas em comunidades geograficamente afastadas dos grandes centros urbanos, e/ ou localizadas em comunidades rurais, indígenas e quilombolas podem colaborar com a inclusão social e cultural, combatendo a discriminação e os preconceitos.

Para Edmir Perrotti (2016, p. 21), é preciso que esses espaços tornem-se *Bibliotecas Foruns*, ou seja, ambientes que estabeleçam “[...] vínculos e pontes, a partir da diversidade que a caracteriza, ou seja, reconhecendo e articulando diferenças em diálogos nem sempre fáceis ou passíveis de concordância final, mas sempre geradores, estimulantes e culturalmente vivos e ricos”. Para além da existência desses lugares de democratização dos saberes, é preciso que os diversos sujeitos que integram a pluralidade existente na coletividade sintam-se fortalecidos pela representatividade das práticas, dos dispositivos e, especialmente, da presença de sujeitos, mediadores e produtores da informação, que juntos possam contribuir para ações insurgentes que favoreçam o protagonismo e a emancipação social.

As bibliotecas comunitárias são instituições criadas dos anseios e das necessidades informacionais de uma comunidade, ou seja, “[...] um projeto social que tem por objetivo, estabelecer-se como uma entidade autônoma, sem vínculo direto com instituições governamentais, articuladas com as instâncias públicas e privadas locais [...]”. (MACHADO, 2009, p. 91). Portanto, o(a) agente mediador(a), ao desenvolver as ações leitoras em bibliotecas comunitárias, precisa observar criticamente os dispositivos que serão utilizados, tomando consciência de sua responsabilidade social, especialmente em atividades relacionadas às questões étnicas-raciais.

Francilene Cardoso (2015, p. 34) afirma que “[...] uma biblioteca que pretenda ser democrática precisa assumir a diversidade étnicocultural do contexto em que está inserida”. A autora também salienta a necessidade de uma análise crítica dos conteúdos e imagens podem estereotipar personagens negros (CARDOSO, 2015). As atividades leitoras que são realizadas em bibliotecas comunitárias podem proporcionar a conscientização do “lugar social” dos usuários/leitores, enquanto sujeitos que agem em favor de mudanças sociais, transformadoras de sua vida e da história de vida do outro.

Djamila Ribeiro (2017, p. 69) pontua que “[...] o lugar social não determina uma consciência discursiva sobre este lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas”. É preciso fazer do espaço da biblioteca comunitária um território de insurgência em que os(as) agentes mediadores(as), leitores/leitoras e produtores(as) dos dispositivos possam rememorar e evidenciar a história do povo preto, enaltecendo a cultura, problematizando discursos com caráter discriminatórios, possibilitando “espaço de expressão” às histórias que, por tanto tempo,

foram silenciadas. Assim, justifica-se a realização de pesquisas que busquem evidenciar as atividades de mediação da leitura que visam o fortalecimento identitário de pessoas negras e que são desenvolvidas nas bibliotecas comunitárias.

3 METODOLOGIA

A pesquisa tem por objetivo evidenciar as atividades de mediação da leitura desenvolvidas por bibliotecas comunitárias no Estado da Bahia para o fortalecimento identitário de pessoas negras, para isso, foi desenvolvido um estudo descritivo que, de acordo com Gil (2008, p. 27), “[...] têm como objetivo a descrição das características de determinada população”. Quanto ao procedimento metodológico adotado, classifica-se como um estudo de caso múltiplo por considerar bibliotecas comunitárias que estão localizadas, tanto nos municípios do interior do Estado da Bahia, quanto aqueles situados na região metropolitana de Salvador, que ainda não integram a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias¹, mas estão mapeadas e assistidas pelo Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas (SEBP). De acordo com os dados concedidos pela Gerência do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas (GESB), o Estado da Bahia possui 91 bibliotecas comunitárias, localizadas em 50 municípios baianos.²

Para coletar os dados, adotou-se a técnica de aplicação de questionário, que segundo Marina Marconi e Eva Lakatos (2003, p. 201) conceituam como um “[...] instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. Dessa forma, foi elaborado um questionário por meio do formulário eletrônico do Google *Forms*, que buscou coletar informações sobre o perfil dos(as) respondentes, e o eixo Ações de leitura voltadas ao fortalecimento da identidade étnico-racial dos(as) leitores/leitoras. Esse questionário foi encaminhado aos *e-mails* disponibilizados pela GESB, para as 77 bibliotecas comunitárias que integraram o universo desta pesquisa, alcançando resposta de 20 agentes mediadores(as) que atuam em bibliotecas comunitárias no Estado da Bahia. Nesse sentido, é válido ressaltar que esta pesquisa adotou o critério de acessibilidade, ao considerar os sujeitos que enviaram suas respostas.

¹ De acordo com as informações disponibilizadas pelo site <https://rnbc.org.br/a-rnbc/>, a RNBC é composta por 11 redes locais, entre estas, o Estado da Bahia que é representado por 14 bibliotecas comunitárias que estão localizadas na capital baiana - Salvador. Vale ressaltar que as 14 bibliotecas comunitárias que integram a RNBC não fizeram parte da amostra desta pesquisa.

² De acordo com os dados concedidos pela GESB, existem municípios baianos que possuem duas ou mais bibliotecas comunitárias.

A abordagem qualitativa foi adotada para análise e interpretação das respostas concedidas pelos(as) agentes mediadores(as). Por outro lado, também foi utilizada a abordagem quantitativa para as respostas que foram passíveis de mensuração. Tais resultados foram apresentados e discutidos na próxima seção.

4 RESULTADOS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO

Com o objetivo de evidenciar as atividades de mediação da leitura desenvolvidas por bibliotecas comunitárias no Estado da Bahia para o fortalecimento identitário de pessoas negras, esta pesquisa compreende que, ao desenvolver conscientemente as ações de leitura, o sujeito pode se apropriar de informações que favoreceram o desenvolvimento de uma visão crítica e emancipadora sobre seu posicionamento no mundo. Quando as atividades de mediação da leitura que tem por objetivo o fortalecimento identitário de pessoas negras são realizadas por agentes mediadores(as) que se autodeclaram como pretos(as) e pardos(as), entende-se que a representatividade e o empoderamento, tanto daqueles(as) que desenvolvem a ação, quanto daqueles(as) que participam, são ressignificados.

Nessa perspectiva, observa-se que, parte significativa dos(as) respondentes se autodeclaram como pretos(as) (7 - 35%) e pardos(as) (8 - 40%), sendo que também tiveram pessoas que se declararam brancas (4-20%) e indígena (1-5%). Ao considerar os dados apresentados, em que ao somar o número de pessoas que se autodeclaram como pretas e pardas, totaliza-se 15 agentes mediadores(as), é possível inferir que as bibliotecas comunitárias, tanto na capital baiana quanto nos demais municípios, são em grande parte formada por agentes mediadores(as) negros(as). Nesse sentido, rememora-se o enunciado de Djamila Ribeiro (2017) ao pontuar sobre o lugar de fala e a consciência discursiva de sujeitos que se (re)encontram em narrativas individuais, ao vivenciarem marcadores sociais, tais como as questões voltadas à raça/etnia, e que, especificamente, nesta pesquisa, fazem do ambiente das bibliotecas comunitárias, espaços dialógicos que enaltecem a valorização racial.

Como espaços que podem proporcionar o compartilhamento do conhecimento, foi questionado aos(as) agentes mediadores(as) se as bibliotecas comunitárias em que eles/elas atuam possuem livros que favoreçam o acesso à informação e a leitura de temáticas voltadas aos povos negros e/ou que sejam escritos por autores(as) negros(as). A partir desse questionamento, dois/uas (2) agentes mediadores(as) afirmaram que não há livros com essas características em seu acervo. Já parte significativa dos(as) respondentes - totalizando 18

agentes mediadores(as)- sinalizaram que esses dispositivos estão disponíveis em seus locais de atuação. Quanto a estes, apresenta-se por meio do Gráfico 1 o quantitativo de títulos de livros que estão disponíveis para os leitores dessas bibliotecas:

Gráfico 1 - Títulos de livros escritos por autores/autoras negros e negras e/ou que tenham temáticas voltadas a povos negros



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Observa-se por meio do Gráfico 1 que, 10 respondentes (50%) indicaram que na biblioteca comunitária que atuam possui mais de 10 títulos diferentes escritos por mulheres e homens negros ou que tenham em seus conteúdos informações relacionadas aos povos negros. Esse resultado aponta que as bibliotecas comunitárias podem ser consideradas como ambientes que permitem o acesso aos dispositivos informacionais que, podem acionar um valor de representatividade por parte dos(as) leitores(as), ao reconhecerem que outras pessoas negras compartilharam seus saberes e vivências, fortalecendo sua relação consigo e com o mundo. Por outro lado, na perspectiva da alteridade, permite aos sujeitos de outra cor/raça que compreendam as particularidades experienciadas por pessoas negras, em uma perspectiva de um ser que vivenciou tais implicações socioculturais. Assim, quando na biblioteca comunitária se disponibiliza um acervo diversificado e relacionado às questões socioculturais dos povos pretos, esse ambiente possibilita um ‘terreno fértil’ para a problematização que Chimamanda Adichie (2009) defende, quanto ao fortalecimento da dialogicidade entre os diferentes e a luta contra a versão colonizadora e opressora da história.

Desse modo, o acesso aos livros literários que possuem personagens negros(as) pode favorecer a problematização entorno de sujeitos que foram invisibilizados por muito tempo. Quanto aos livros escritos por autores/autoras negros(as), apesar de não ser o foco da pesquisa, é preciso ressaltar que esses dispositivos fortalecem a representatividade desses sujeitos, contribuindo para o rompimento com o racismo que ainda se faz presente na prática da escrita literária e podem colaborar com uma formação decolonizadora dos saberes.

Ao compreender que as bibliotecas comunitárias podem favorecer a realização de atividades de mediação da leitura com temáticas voltadas aos aspectos étnico-raciais, foi questionado sobre o desenvolvimento de ações que estejam associadas ao fortalecimento do enaltecimento racial de pessoas negras. Os resultados apontaram que parte significativa dos(as) agentes mediadores(as) sinalizaram que realizam as ações, no entanto, dois/uas disseram que não fazem atividades que contribuem para o fortalecimento étnico-racial.

Retomando a fala da Francilene Cardoso (2015), a diversidade étnicocultural contribui para a formação de uma biblioteca democrática. Por isso, defende-se a necessidade de reflexão por parte desses(as) dois(uas) agentes mediadores(as) que não realizam atividades voltadas às questões de raça/etnia, entendendo que as atividades mediadoras quando desenvolvidas em uma perspectiva étnico-racial favorecem a emancipação dos sujeitos, sejam esses(as) negros(as) ou não, visto que a postura antirracista deve ser uma luta que integra todos os sujeitos.

Quanto às atividades mediadoras que tratam especificamente da cultura afro-brasileira, os(as) agentes mediadores(as) realizam ações tais como: encontro com escritor; contação de história; roda de conversas; palestras; debates; jogos educativos, baseado na cultura afro-brasileira, e saraus. Refletindo em torno dessas respostas, ressalta-se que a contação de histórias é a atividade mediadora que mais é desenvolvida nas bibliotecas comunitárias (12 - 63, 2%), seguida por palestras (10 - 52,6%) e as rodas de conversa (9 - 47, 4%). Infere-se que a dialogicidade existente entre os(as) agentes mediadores(as) e os leitores(as) proporciona a valorização e o respeito ao outro, propiciando a conscientização do pertencimento étnico-racial que, na interação e no compartilhamento, promove-se o encontro impulsionador da construção dos saberes e fortalecimento do sentimento de pertencimento.

Ainda refletindo sobre as atividades que são realizadas nas bibliotecas comunitárias, identifica-se que as ações leitoras musicalizadas, como saraus, são realizadas por um número menor (6-30%) de bibliotecas. Rememorando o conceito de cultura como um conjunto de características diversos de um povo (WALTER, 1999), a música pode ser compreendida como uma expressão cultural que pode evidenciar os aspectos memorialísticos e identitários de uma comunidade, e quando são realizadas em espaços que proporcionam o acesso à leitura, essas podem potencializar a apropriação de elementos culturais, em que os sujeitos podem se reconhecer e ressignificar a sua própria história. Por isso, a pesquisa realizada aponta que as

bibliotecas comunitárias podem desenvolver ações musicais, compreendendo que a música também é uma expressão e um dispositivo informacional que demonstra uma forma de ler o mundo, tanto por meio da letra, quanto do ritmo e da melodia de uma canção.

Além das atividades citadas anteriormente pelos(as) agentes mediadores(as), também foi questionado aos(às) respondentes quais ações são indicadas para uma biblioteca comunitária, na qual se pretende atuar em favor do fortalecimento identitário de pessoas negras. A seguir, apresenta-se o Quadro 1 com algumas respostas que foram destacadas.

Quadro 1 - Indicação de atividades de mediação da leitura voltadas a cultura afro-brasileira

RESPONDENTES	INDICAÇÃO DE ATIVIDADES
Respondente A (agente mediador(a) preto(a) que atua região metropolitana de Salvador)	Construção de livro infantil com personagens negros.
Respondente F (agente mediador(a) preto(a) que atua na capital baiana)	Rodas de leitura e palestras que abordem a intolerância religiosa e diáspora africana, além de contação de história, produção teatral, varal poético.
Respondente G (agente mediador(a) preto(a) que atua no território de identidade do Portal do Sertão)	Conhecer autores negros baianos e de temática antirracista
Respondente H (agente mediador(a) pardo(a) que atua no território de identidade do Litoral Sul)	Incentivo à escrita e publicação de jovens escritores.
Respondente L (agente mediador(a) pardo(a) que atua região metropolitana de Salvador)	Leitura e mediação de história com conotação étnico-racial
Respondente T (agente mediador(a) preto(a) que atua região metropolitana de Salvador)	Conversa com idosos ou lideranças das comunidades quilombolas que tragam as narrativas sobre a importância dos quilombos na formação cultural do nosso país.
Respondente U (agente mediador(a) branco(a) que atua no território de identidade de Irecê)	Oficina de arte/pintura; palestras; exibição de filmes com debate.

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Observa-se por meio do Quadro 1 que os(as) agentes mediadores(as) compreendem a relevância de atividades de mediação da leitura associando as temáticas relacionadas a questões étnico-raciais, focalizando a cultura afro-brasileira. A indicação de novas atividades relacionadas ao fortalecimento identitário de pessoas negras apontam para o processo de tomada de consciência entre os(as) agentes mediadores(as), negros(as) e brancos(as), quanto

à função social do seu trabalho compreendendo a importância da mediação da leitura e da necessidade de uma atuação protagonista, a qual favorece a possibilidade do reconhecimento desse sujeito como um ser que pode provocar mudanças nas esferas sociais (PERROTTI, 1999).

Observa-se também, por meio do Quadro 1, que os(as) agentes mediadores(as) sinalizam a importância de dispositivos construídos por meio da própria comunidade, tais como livros com personagens negros(as), o incentivo a publicação produzida por jovens e a promoção de diálogos intergeracionais sobre a relevância dos quilombos para a formação cultural da comunidade. A construção colaborativa desses dispositivos favorece o fortalecimento do sentimento de pertencimento ao proporcionar que estes sejam elaborados pela própria comunidade, além de considerar as narrativas daqueles(as) que integram espaços sociais, compreendendo que a leitura colabora com a construção de sentidos e de significados. (DUMONT, 2020).

Outro aspecto evidenciado, por meio do Quadro 1, foi quanto ao perfil dos(as) respondentes, quanto a sua autodeclaração de raça/etnia e local de atuação. Nas respostas destacadas, percebe-se que a maioria são pretos(as) e pardos(as) e, nesse sentido, sinalizam sobre a relevância de atividades que evidenciam sua própria raça. Mas também, foi possível perceber, por meio da resposta do(a) agente mediador(a) que se autodeclarou como branco(a), a adoção de um posicionamento antirracista que conscientemente entende a necessidade da realização de outras atividades leitoras que possam expressar sua luta contra os preconceitos. Quanto aos locais de atuação destes(as) respondentes(as), apesar de parte significativa atuarem na região metropolitana de Salvador, outros sujeitos que estão geograficamente distantes da capital, em cidades menores e com possíveis limitações de acesso aos recursos voltados à disseminação da cultura afro-brasileira, ainda assim, buscam desenvolver e estão atentos(as) à necessidade da comunidade quanto às informações voltadas às questões étnico-raciais.

Se nas perguntas anteriores foi possível identificar quais as ações que são desenvolvidas e quais ainda podem ser realizadas em bibliotecas comunitárias, ainda se buscou compreender quais os principais desafios que esses/essas agentes mediadores(as) enfrentam para o desenvolvimento de atividades que possam contribuir com a valorização da identidade de pessoas negras, conforme constam no Quadro 2.

Quadro 2 - Perspectivas e desafios enfrentados por agentes mediadores em bibliotecas comunitárias no Estado da Bahia

INDICAÇÃO DE DESAFIOS APONTADOS PELOS AGENTES MEDIADORES
Romper o preconceito, como também promover a afirmação da identidade. (Respondente A)
Em nossa comunidade a maioria do nosso povo não se considera preto. (Respondente B)
A maior dificuldade para mediar a leitura com a temática étnico-racial é a falta de acesso a acervo público. (Respondente C)
Estamos dentro da zona rural onde o índice de pessoas que abandonaram a escola é muito grande, infelizmente. (Respondente E)
Poucos exemplares de livros desta temática na biblioteca e formação de pessoal. (Respondente G)
A crescente entrada das crianças e adolescentes em igrejas evangélicas e a dificuldade em valorizar ações com ênfase na temática étnico racial. Muitas não participam pelas famílias não permitirem. (Respondente T)

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Observa-se, por meio do Quadro 2, que os principais desafios enfrentados pelos(as) agentes mediadores(as), em especial que atuam em bibliotecas comunitárias no Estado da Bahia, é a falta de investimento em um acervo antirracista e a diversificação de dispositivos que possam contribuir com o enaltecimento racial. Outro aspecto sinalizado nas falas dos(as) respondentes é a luta contra o preconceito e a discriminação da comunidade em compreender a importância de atividades que possam favorecer o compartilhamento de informações voltadas a cultura afro-brasileira. Também é perceptível pelas falas dos(as) Respondentes B e T que a própria comunidade não compreende o histórico de constituição de raças/etnias no Brasil, levando a uma negação dos seus próprios traços identitários, refletindo, consequentemente, no apagamento da memória das heranças africanas perpassadas a todos/todas os/as brasileiros(as).

Diante do exposto, os(as) agentes mediadores(as), ao alcançarem uma conscientização sobre suas atividades, podem favorecer a resignificação de uma biblioteca comunitária que seja democrática e reconhecida como um dispositivo que interfere efetivamente na vida dos sujeitos. Ao assumirem esse exercício, pelo viés da alteridade, que defende Cavalcante (2021), os(as) agentes mediadores(as) também passam a atuar no processo dialógico entre os diferentes sujeitos e suas formas de pensamento que podem reverberar em atitudes protagonistas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objeto de evidenciar as atividades de mediação da leitura desenvolvidas nas bibliotecas comunitárias no Estado da Bahia para o fortalecimento identitário de pessoas negras, os resultados deste estudo demonstram que, apesar dos desafios enfrentados pelos(as) agentes mediadores(as) que, perpassam tanto a falta de investimento em bibliotecas comunitárias, quanto a desconstrução de conceitos discriminatórios, esses sujeitos estão desenvolvendo atividades fundamentadas na cultura afro-brasileira, o que favorece o fortalecimento identitário de pessoas negras e contribui com a formação de uma sociedade antirracista.

Portanto, é possível afirmar que a biblioteca comunitária pode ser considerada como um espaço propício ao desenvolvimento de atividades de mediação da leitura que venham ao encontro do enaltecimento racial, entendendo que a leitura é uma prática social que, fundamenta o processo de busca e apropriação das informações e, contribui para a diminuição de desigualdades sociais e a emancipação dos sujeitos.

Por meio dos resultados também pode-se perceber que os(as) agentes mediadores(as) da leitura vêm atuando em um processo de fortalecimento da postura protagonista dos(as) leitores(as), haja vista que além de evidenciar as temáticas étnico-racial, também desejam que esses sujeitos possam criar e construir dispositivos, compartilhando, direta ou indiretamente, suas vivências e saberes. Assim, os(as) mediadores(as) da leitura negros(as) e ou pessoas brancas, que atuam pelo viés antirracista e da alteridade, percebem que os(as) leitores/leitoras devem assumir o protagonismo de suas histórias, dando-lhes a oportunidade de (re)conhecerem esse sentimento ao materializarem - por meio da produção de dispositivos informacionais - suas leituras de mundo e terem a oportunidade de ser atuantes na ressignificação da vida de outros sujeitos.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo da história única**. New York: TED, 2009. Disponível em: <https://www2.ifmg.edu.br/governadorvaladares/noticias/adelia-a-poesia-e-a-vida-convite-para-o-3o-encontro-do-dialogos/o-perigo-de-uma-historia-unica-chimamanda-ngozi-adichie-pdf.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2023.

CARDOSO, Francilene do Carmo. **O negro na biblioteca**: mediação da informação para construção da identidade negra. Curitiba: CRV, 2015.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**: a era da informação: economia sociedade e cultura. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

CAVALCANTE, Lídia Eugenia. Mediação da leitura e alteridade na Educação Literária. **Informação & Sociedade**: Estudos, v. 30, n. 4, p. 1-14, 18 jan. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/57262/32635>. Acesso em: 06 jun. 2023.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Construtos próprios sobre leitura na Ciência da Informação. In: DUMONT, Lígia Maria Moreira (org.). **Leitor e leitura na Ciência da Informação**: diálogos, fundamentos, perspectivas. Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2020. cap. 1, p. 21-52.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MACHADO, Elisa Campos. Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 80-94, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1976/2097>. Acesso em: 10 jun. 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

PERROTTI, Edmir. Leitores, leitores e outros afins (apontamentos sobre a formação ao leitor). In: PADRO, Jason; CONDINI, Paulo (org.). **A formação do leitor**: pontos de vista. Rio de Janeiro: Agnus, 1999. cap. 5, p. 31- 43.

PERROTTI, Edmir. Infoeducação: um passo além científico-profissional. **Inf. Prof.**, Londrina, v. 5, n. 2, p. 04-31, jul./dez., 2016.

PERROTTI, Edmir. Infoeducação: um passo além científico-profissional. **Informação@Profissões**, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 05–31, 2017. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/28314>. Acesso em: 12 set. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala**. Belo Horizonte, Letramento, 2017.

SILVA, Rovilson José da; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação: perspectivas conceituais em Educação e Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 23, n. 2, p. 71–84, abr. 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pci/a/8TRBpKhHR3snsNp8Jm3STZy/?lang=pt>. Acesso em: 06 jun. 2023.

TARGINO, Maria das Graças. Biblioteconomia, Informação e Cidadania. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 149- 160, jul./dez. 1991.
Disponível: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/37210/28950>. Acesso em: 04 jun. 2023.

WALTER, Roland. Literatura, teoria literária e as diferenças culturais. **Investigações, linguística e teoria literária**, Recife, v. 10, p. 75-107, 1999.